

Promoção do mosquito ou promoção da saúde? Uma análise das postagens do Facebook do Ministério da Saúde acerca do *Aedes aegypti*

Oliveira, Bruna Paes de¹

Mendonça, Ana Valéria Machado¹

Oliveira-Costa, Mariella Silva de¹

¹Departamento de Saúde Coletiva, Universidade de Brasília

RESUMO: A pesquisa analisa as postagens do Facebook do Ministério da Saúde, durante o mês de dezembro, em três anos consecutivos (2015 - 2017). Além do tema das postagens, foram identificadas a presença ou ausência de imagem, a menção ao SUS, e o foco do post na responsabilização do usuário, do gestor ou do trabalhador. Com características comuns às campanhas do Ministério da Saúde, as postagens apresentaram o *A. aegypti* como vilão e inimigo público e utilizaram amplamente da linguagem bélica e da responsabilização da população. Indo contra a perspectiva de uma comunicação promotora de saúde, expressões que denotam luta e guerra são usadas para tentar alcançar e conquistar a mobilização social. Conclui-se que as redes sociais são espaço de comunicação em saúde e é fundamental que o gestor federal do SUS mantenha estratégias de promoção à saúde e não só responsabilização das pessoas.

Descritores: *Aedes aegypti*. Arboviroses. Mosquito. Dengue. Comunicação em saúde. Redes sociais.

INTRODUÇÃO

Especula-se que o *Aedes aegypti*, amplamente conhecido como mosquito da dengue, está presente no Brasil desde o período colonial. Sua disseminação e proliferação foram e são favorecidas pela rápida urbanização, a falta de estrutura das cidades, a inadequada condição de saneamento básico e, sobretudo, pela adaptação do ciclo de vida do mosquito, que se desenvolve em ambientes artificiais como reservatórios de água limpa e sobrevive entre os aglomerados urbanos (Ministério da Saúde, 2009; Zara *et al.*, 2016). Ademais, a própria condição climática e ambiental, quente e úmida, do Brasil contribui para o alastramento dos mosquitos.

O *A. aegypti* é o vetor urbano responsável pela transmissão da dengue, da chikungunya e da zika. Essas arboviroses, embora possam apresentar um simples quadro febril agudo, podem também resultar em síndromes hemorrágicas, articulares e neurológicas, respectivamente (Teich *et al.*, 2017; Donalisio *et al.*, 2017). A dengue, por si só, é a principal arbovirose do país dadas as recorrentes epidemias e a gravidade a que pode evoluir.

Como doenças emergentes que apresentaram altas incidências nos últimos tempos, essas arboviroses geram grandes preocupações para a saúde pública no Brasil e em todo o mundo (Donalisio *et al.*, 2017). Teich *et al.* (2017) atentam para os impactos sociais e econômicos causados pelo mosquito. Esses impactos vão dos casos não agudos dessas doenças e suas consequências, por vezes permanentes, as interferências nas atividades laborais e econômicas das pessoas acometidas, até os grandes valores investidos e gastos

com contratações de agentes de endemias e a manutenção, tratamentos ambulatoriais e hospitalares, vigilância, e, sobretudo, com o controle do vetor.

Assim, como ainda não existem vacinas acessíveis para as doenças transmitidas pelo *Aedes*, entende-se que a melhor e única forma de controle é o combate ao mosquito, uma vez que sua erradicação parece inalcançável (Medronho, 2008; Ministério da Saúde, 2009). Muito embora existam esses grandes investimentos e esforços para a contenção do mosquito, esse combate tem se mostrado pouco eficiente. A construção do histórico do controle do mosquito na perspectiva de Braga e Valle (2007), anunciou a necessidade do desenvolvimento de métodos, técnicas, ferramentas que pudessem ser tocantes à população para gerar conscientização e reorientar os comportamentos.

A revisão das estratégias de controle do mosquito previstas no Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD) instituído em 2002, realizada por Zara *et al.* (2016) tratou além das abordagens de responsabilidades institucionais (como as diversas utilizações de inseticidas, criação de mosquitos geneticamente modificados ou o mapeamento de risco), da abordagem eco-bio-social que, à grosso modo, presume essencialmente a participação social. Nessa lógica, o cidadão e usuário do Sistema Único de Saúde (SUS) participa, se envolve e se integra na prevenção do mosquito por meio das tão populares ações preventivas que podem impedir a proliferação do mosquito, como evitar pneus com água acumulada, virar garrafas de cabeça para baixo, limpar a calha ou colocar areia nos pratinhos de flores e plantas.

Segundo Klein, Neto e Tezza (2017), nos últimos anos, a internet tornou-se parte integrante da vigilância em saúde. Giustini *et al.* (2018) destacam o uso das redes sociais como um importante desenvolvimento na área da saúde pública. As redes sociais são ambientes virtuais colaborativos. Nesse espaço online, computadores e dispositivos eletrônicos móveis, por meio da internet, têm a finalidade de promover conexões entre e com as pessoas e as instituições, possibilitando um compartilhamento de informações.

Na saúde pública, Giustini *et al.* (2018) relatam que há uso crescente de redes sociais para educar o público sobre como evitar agentes infecciosos e para monitorar ameaças à saúde emergentes, ressaltando então os benefícios das redes virtuais na saúde pública e desenvolvendo políticas. A sondagem dos rumores nas redes sociais não substitui as pesquisas tradicionais de campo na área da saúde, mas pode ser usada como ferramenta capaz de apresentar as preocupações de uma determinada população no que se refere à saúde (Klein, Neto e Tezza, 2017).

Dentre as vantagens do uso da internet e de suas redes sociais pelas instituições do campo da saúde estão: a velocidade das informações em caso de emergência, facilidade para mobilizar associações e a possibilidade de se ter uma visão acerca da percepção do público, cabendo como uma estratégia de comunicação entre as instituições de saúde pública e a população (Thackeray *et al.*, 2012). Conforme Grosberg *et al.* (2016), o uso frequente de redes sociais está associado ao aumento da conscientização e empoderamento dos pacientes, sendo que estes relatam que a internet é uma maneira útil de encontrar respostas para problemas de saúde.

O Facebook é a rede social mais abrangente e mais utilizada no país. Tendo mais de 130 milhões de usuários e perfis ativos, o Brasil ficou em 3º lugar no ranking mundial de usuários e em 2º lugar no que diz respeito a quantidade de horas gastas no Facebook (We Are Social, 2018). O Ministério da Saúde (MS) que está inserido nas redes sociais por meio dos perfis institucionais no Youtube, Instagram e Twitter, está também presente no

Facebook, acumulando atualmente, mais de 2,1 milhões de seguidores e curtidores que acompanham sua página.

Dessa forma, tendo em vista que as redes sociais são uma importante ferramenta para a comunicação e disseminação das informações e que há a permanente necessidade do diálogo e contato com a população para o controle do *A. aegypti*, torna-se pertinente a investigação das postagens do Facebook do MS, para a análise crítica do discurso e conteúdo publicados.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório (Sampieri *et al.* 2006; Creswell, 2010) que visou a conhecer a realidade que envolve as estratégias de comunicação sobre as arboviroses adotadas pelo Ministério da Saúde nas redes sociais, recorte ainda pouco estudado do ponto de vista da saúde coletiva. A investigação traz também traços de triangulação metodológica para iluminar a realidade a partir de diferentes conhecimentos com discussão interdisciplinar dos dados (Minayo, 2012; Jensen, 1993).

A pesquisa é qualiquantitativa, e apesar da divergência entre a ênfase e a forma das pesquisas desse tipo, elas se complementam, pois, "os dados quantitativos geram questões a serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa" (Minayo, p. 247 1993; p. 247). A pesquisa bibliográfica constituiu-se etapa fundamental da investigação, para a busca de referencial teórico atual sobre os temas.

A amostra foi composta de postagens divulgadas no perfil oficial do Ministério da Saúde no Facebook nos meses de dezembro de 2015, 2016 e 2017, relacionados ao *Aedes aegypti* e às arboviroses. Foram extraídas todos os posts publicados sobre as arboviroses, com conteúdo que fale sobre "dengue", "chikungunya", "zika", "*Aedes aegypti*" e "mosquito". Foram analisados também as interações (curtidas, reações e compartilhamentos) de cada um destes posts.

Após a extração dos dados para base de dados própria, cada um destes, posts foi realizada a classificação segundo a doença presente no post, a saber; dengue, zika e chikungunya. A partir daí, foram classificados conforme as temáticas, baseadas nos estudos de Vijaykumar e Raamkuma (2017):

- 1) pesquisa/diagnóstico: conteúdos relacionadas a atividades de controle epidemiológico e diagnóstico de sintomas;
- 2) medidas de prevenção e segurança: guias, conselhos, avisos sobre como se comportar;
- 3) tratamento: conteúdo específico para tratar os sintomas das arboviroses;
- 4) atualizações relacionadas às arboviroses: novos casos, boletins e novidades divulgadas;
- 5) intervenções: divulgação de ações do governo ou de comunidades e profissionais de saúde contra as arboviroses.

Foram identificadas a presença ou ausência de imagem, menção ao SUS, e o foco do post na responsabilização do usuário, do gestor ou do trabalhador também foram analisados. As variáveis foram analisadas e descritas por meio da frequência de cada uma delas em relação ao total da amostra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob a compreensão dos riscos do *A. aegypti* a nível de saúde pública, as mobilizações a respeito de seu controle acontecem durante todo o ano pelo Ministério da Saúde. Nessa perspectiva, o mosquito e as arboviroses estão constantemente presentes e sendo frequentemente mencionadas na página institucional do Facebook. Dezembro, como início do verão, da temporada de chuva e conseqüentemente do aumento das transmissões de dengue, é o período em que se intensificam as campanhas da prevenção dos focos do mosquito.

Foram analisadas as palavras-chave mais frequentes entre todas as postagens dos meses de dezembro dos anos de 2015, 2016 e 2017 (Figura 1), tendo maior destaque os termos relacionados ao *A. aegypti*, sendo “mosquito”, “combate aedes” e “mosquitonão” os principais destes. Palavras como “dengue”, “água”, “zika”, “criadouro”, “elimine”, “focos” e “combate” também foram identificadas.

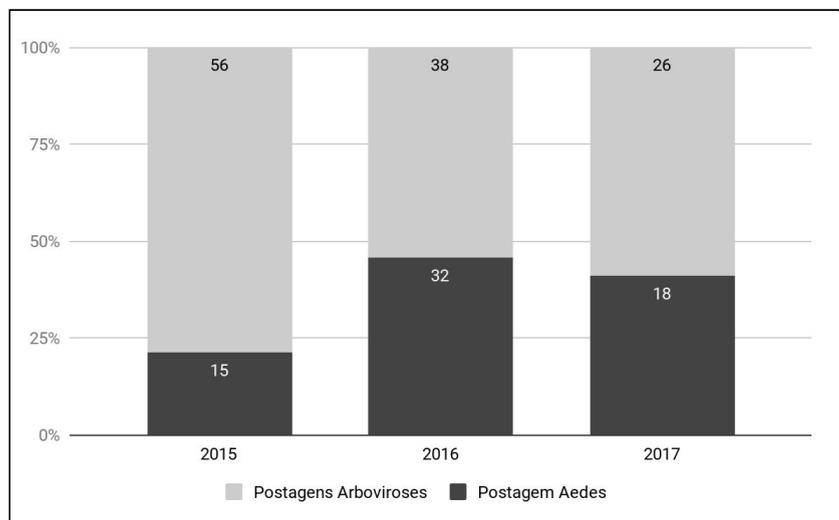
Figura 1. Nuvem de palavras formada pelos conteúdos postados no Facebook do Ministério da Saúde, sobre arboviroses, em dezembro de 2015, 2016 e 2017



Fonte: Autoria própria a partir do site wordart.com.

Entre os três anos analisados somaram, ao todo, 120 postagens na temática das arboviroses causadas pelo *A. aegypti*. Dentre elas, foram identificadas 65 com foco propriamente no *Aedes*, sendo em 2015, 15 (26,79%) das postagens foram em relação ao mosquito, enquanto em 2016 e 2017 foram 32 (84,21%) e 18 (69,23%), respectivamente. É válido ressaltar que 2015 foi o ano da difusão da zika e microcefalia e que, de forma geral, a maioria das postagens nesse período teve as duas doenças como principal e único foco.

Gráfico 1. Frequência de postagens com foco no *A. aegypti* dentre os conteúdos postados no Facebook do Ministério da Saúde, sobre arboviroses, em dezembro de 2015, 2016 e 2017



Fonte: Autoria própria.

Algumas postagens, mesmo que com foco principal no mosquito, também fazem alusão à dengue, zika e chikungunya, seja para alertar dos riscos da picada ou por meio das hashtags, por exemplo. Nos períodos de 2015 e 2016 foi possível notar uma maior relação dessas postagens sobre o mosquito com as arboviroses. Em contrapartida, 2017 no mesmo período teve quase 100% de postagens voltadas primordialmente para o *Aedes* (Tabela 1).

Existem diferenças entre os tipos de postagem que o Facebook permite, considerando os formatos como imagem, vídeo ou gif (imagens animadas) e das possibilidades dessas publicações terem função de avatar (imagem do perfil) e capa (imagem do topo do perfil). Embora a maioria das postagens seja de publicações comuns na linha do tempo, foram encontrados posts em formato vídeo nos três períodos analisados, além de imagem de capa, em 2016 e 2017, e avatar em 2015 e 2016 (Tabela 1).

Interessante ressaltar que embora caiba ao SUS as medidas, ações, serviços e vigilância de saúde, sob a responsabilidade do MS, não são todas as postagens que contêm a logo do SUS, que poderia, assim, fazer referência e dar um pouco mais de visibilidade ao sistema de saúde, sobretudo ao que concerne às ações e intervenções realizadas, por exemplo.

Tabela 1. Frequência de variáveis analisadas a partir de conteúdos postados no Facebook do Ministério da Saúde, sobre arboviroses, em dezembro de 2015, 2016 e 2017

Variáveis	2015		2016		2017	
	n	%	n	%	n	%
Relacionados as arboviroses						
Dengue	12	80,0	17	53,13	0	0
Zika	13	86,7	17	53,13	1	5,56
Chikungunya	5	33,3	17	53,13	0	0,0

Tipo de postagem						0,0
Imagem	11	73,3	28	87,5	13	72,22
Video	2	13,3	4	12,5	3	16,67
Avatar	2	13,3	0	0	2	11,11
Capa	0	0,0	0	0	2	11,11
SUS						0
Menção ao SUS	9	60,0	22	68,75	15	83,33
Categorias						
Pesquisa/diagnóstico	1	6,7	0	0	0	0,00
Prevenção e segurança	12	80,0	29	90,63	16	88,89
Tratamento	0	0,0	0	0	0	0,00
Atualizações	1	6,7	0	0	1	5,56
Intervenções	1	6,7	4	12,5	1	5,56
Foco das postagens						
Pessoas	15	100	30	93,75	15	83,33
Governo	0	0,0	2	6,25	3	16,67
Trabalhador	0	0,0	2	6,25	0	0,00

Fonte: Autoria própria.

Notou-se que as publicações em sua grande maioria são direcionadas à população e com discurso preventivo (Tabela 2). Apelando para a mobilização social, como observado e descrito no estudo de Campos e Corrêa (2019), as postagens integram a população na luta contra o mosquito e reforçam a responsabilidade dos cidadãos no controle do vetor com citações como "é preciso que todos participem", "precisamos combater os criadouros toda semana" e "na luta contra o mosquito ninguém pode ficar parado".

Frente a todos os riscos que o desenvolvimento e a proliferação do mosquito oferecem, as campanhas de controle do *A. aegypti* costumam encará-lo como vilão, atribuindo a ele o papel de inimigo comum do poder público e da população (Campos, 2016; Albardo, 2018; Campos; Corrêa, 2019). Muitas vezes apresentado com o símbolo de "proibido" sobre ele e sempre associado à ideia de necessidade de seu combate e extermínio, nas postagens do Facebook é identificada a representação negativa do mosquito e a persistência da linguagem bélica e do discurso imperativo. Expressões como "eliminar", "combater", "vilão", "guerra" frases, slogans, como "se o mosquito pode matar, ele não pode nascer", "sexta sem mosquito", "manter o Aedes bem longe da sua casa" e hashtags como #MosquitoNão, #CombateAedes e #CombataDengue foram identificadas ao longo dos três períodos analisados.

Presume-se que as postagens com maiores números de compartilhamentos são que as que conseguem maior visibilidade uma vez que alcançam pessoas para além dos seguidores/curtidores da página do MS. No caso das mais compartilhadas nos períodos de 2015, 2016 e 2017, sendo cerca de 3.000, 600 e 800 compartilhamentos respectivamente (Figura 2), seguem o padrão do que já foi supracitado. Observa-se sobretudo o caráter preventivo, a linguagem bélica e o direcionamento do discurso de ordem à população que acompanha a página. As três postagens consistem em orientações e dicas acerca da identificação e eliminação do mosquito e seus criadouros, sempre ressaltando a responsabilidade individual e coletiva da população. Os riscos apresentados, em geral, são relacionados às arboviroses transmitidas pelo *Aedes*.

Figura 2. Postagens sobre arboviroses e com maior engajamento no Facebook do Ministério da Saúde, sobre arboviroses, em dezembro de 2015, 2016



Dadas as características dessas publicações, é possível refletir sobre uma comunicação com abordagem muito mais preventiva do que promotora de saúde, como analisada no estudo Vasconcelos *et al.* (2016) acerca de diferentes campanhas realizadas pelo MS. Nesse sentido, o caráter preventivo tem a preocupação apenas de que as pessoas simplesmente se comentam a agravos, tentando incidir sobre o comportamento e postura, enquanto a promoção da saúde preconiza atuar sobre e considerando as especificidades da população e seus determinantes sociais que incidem sobre os agravos que colocam a população em risco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou a análise da comunicação realizada pelo Ministério da Saúde através perfil institucional do Facebook tendo como foco o *Aedes aegypti*. Foi observada a relevância e a frequência do mosquito entre as publicações da página e o forte discurso preventivo e imperativo, frente aos riscos e ameaças que este oferece.

Com características comuns às campanhas do MS, nas postagens o *A. aegypti* assume papel de vilão e inimigo público e a linguagem bélica e responsabilização da população são amplamente utilizados. Indo contra a perspectiva de uma comunicação promotora de saúde, expressões que denotam luta e guerra são usadas para tentar alcançar e conquistar a mobilização social.

Compreendendo o potencial das redes sociais como espaço de comunicação em saúde e é fundamental que o gestor federal do SUS mantenha estratégias de promoção à saúde e não só responsabilização da população.

REFERÊNCIAS

Albarado. A. J. Campanhas audiovisuais do Ministério da Saúde contra dengue, zika e chikungunya nos anos de 2014 a 2017: análise das estratégias de comunicação em saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília – Distrito Federal. 2018. p. 42-53.

Bermudi, P.M.M., Kowalski, F.; Menzato, M.M., Ferreira M.C., Passos W.B.S., Oku V.J.A., et al. Criadouro de *Aedes aegypti* em reservatório subterrâneo de água da chuva: um alerta. *Rev Saúde Pública*. 2017;51:122.

Campos, V. T. N. Acabar com a dengue é uma “guerra de todos”? [manuscrito]: a presença do discurso mobilizador nas campanhas publicitárias de prevenção à dengue da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais / Vivian Tatiene Nunes Campos. - 2016.

Campos, V. T. N.; Côrrea, L. G. “Agora é guerra”: a presença do discurso mobilizador em campanhas de controle da dengue. *Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*. 2019 jan-mar.;13(1) (2019).

Creswell, J. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Donalisio, M.R., Freitas, A.R.R.; Von Zuben, A.P.B. Arboviroses emergentes no Brasil: desafios para a clínica e implicações para a saúde pública. *Rev Saude Publica*. 2017;51:30.

Giustini, D., Ali, S. M., Fraser, M., Maged N. K. B. Effective uses of social media in public health and medicine: a systematic review of systematic reviews. *Online Journal of Public Health Informatics*. 10(2):e215, 2018.

Jensen, K. B. Erudición humanística como ciencia cualitativa: contribuciones a la investigación sobre la comunicación de masas. In: JENSEN, K. B.; JANKOWSKI, N. W. Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas. Bosh Casa Editorial: Barcelona, 1993.

Klein, G. H.; Guidi Neto, P.; Tezza, R.. (2017). Big Data e mídias sociais: monitoramento das redes como ferramenta de gestão. *Saúde e Sociedade*, 26(1), 208-217.

Medronho, R. A. Dengue no Brasil: desafios para o seu controle. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(5):948-949, mai, 2008.

Minayo, M. C. S.; Sachnes, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n.3, p. 239-62, 1993.

Minayo, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-6, 2012.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Diretrizes nacionais para prevenção e controle de epidemias de dengue / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de Controle da Dengue: amparo legal à execução das ações de campo – imóveis fechados, abandonados ou com acesso não permitido pelo morador / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

Sampieri, R. H.; Collado, C. F.; Lucio, P. B. Metodologia de Pesquisa. São Paulo: MacGrawHill; 2006.

Teixeira, J. A. C.. Comunicação em saúde: Relação Técnicos de Saúde - Utentes. *Aná. Psicológica*. 2004, vol.22, n.3, pp.615-620.

Teich V., Arinelli R., Fahham L. *Aedes aegypti* e sociedade: o impacto econômico das arboviroses no Brasil. *J Bras Econ Saúde* 2017;9(3): 267-276

Thackeray, R., Neiger, B. L., Smith, A. K., Van Wagenen, S. B. "Adoption and use of social media among public health departments," *BMC Public Health*, 12, 2012.

Tuzzo, S. A., Cirino, J. A. F. Saúde Pública nas novas mídias: análise crítica do discurso do Facebook do Hospital de Urgência de Goiânia. *Revista Anhanguera Goiânia* v.15, n. 1, jan/dez. p. 51-63, 2014.

Vijaykumar, S.; Raamkumar, A. S. Zika reveals India's risk communication challenges and needs. *Indian J Med Ethics*. 2018 Jul-Sep;3(3):240-244. Epub 2018 Apr 12.

We Are Social. Digital in 2018. Essential insights into internet, social media, mobile, and ecommerce use around the world. 2018.

Zara, A. L. S. A., Santos, S. M., Fernandes-Oliveira, E. S., Carvalho, G. C., Coelho, G. E. Estratégias de controle do *Aedes aegypti*: uma revisão. *Epidemiol. Serv. Saude*, Brasília, 25(2):391-404, abr-jun 2016.